



## TRACA OU DIADEMA?: A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL MARANHENSE NO CAMPO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS DO ALiMA E ALiB

Laryssa Francisca Moraes PORTO<sup>249</sup>  
Georgiana Márcia Oliveira SANTOS<sup>250</sup>

**Resumo:** A língua é um fenômeno sociocultural heterogêneo e variável em função da ação de fatores como idade, sexo, localidade, escolaridade, classe social, entre outros. Nessa perspectiva, esta pesquisa, em andamento, está baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Geossociolinguística e tem como principal objetivo investigar o léxico maranhense constitutivo do campo *vestuário e acessórios* no Questionário Semântico-Lexical – QSL do Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA e no QSL do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. O *corpus* deste trabalho é constituído pelas respostas dadas às questões 193 e 191 do QSL do ALiB e às questões 217 e 215 do QSL do ALiMA. Seguindo a metodologia do ALiB e do ALiMA, os informantes desta pesquisa são mulheres e homens, das faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos), com Ensino Fundamental incompleto, de 12 municípios maranhenses. A análise dos dados já permitiu evidenciar, por exemplo, a influência da variável *diatópica* na variação lexical e fonética de “grampo/grampu”, formas predominantes em São Luís, bem como na variação de “prisilha/pesilha”, predominantes em Tuntum.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия. Geossociolinguística. Variação semântico-lexical. Vestuário e acessórios.

### Introdução

Todas as línguas naturais do mundo são constituídas por um léxico que está em constante processo de variação e mudança, uma vez que sofre influências, também, de fatores extralinguísticos, como os diatópicos e os diastráticos, respectivamente, fatores geográficos e sociais. Em razão disso, observa-se que uma lexia apresenta, além da carga semântica própria, outras informações

<sup>249</sup> Graduanda em Letras Português/Francês, pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/São Luís, auxiliar de Pesquisa do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC VOLUNTÁRIO/UFMA. Email: lakaporto16@gmail.com.

<sup>250</sup> Doutora em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará – UFC/Fortaleza. Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/São Luís, professora-pesquisadora do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão, professora-pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. Email: gsantos\_23@yahoo.com.br





condicionadas a ela, como sexo/gênero, idade, grau de escolaridade e até a região onde o falante reside.

Ao se pensar no homem como um ser sociável, compreende-se que a língua sempre foi uma forma de transferência de informações dentro das comunidades. Mesmo línguas ágrafas, aquelas que não possuem formas de escrita, transmitem suas heranças culturais, crenças e historicidade através da fala, como assinalam Isquierdo e Krieger (2004, p. 11):

Na história das diferentes civilizações a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura. Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura.

O léxico é um conhecimento que está na memória de cada participante de um corpo social. Desse modo, Isquierdo e Oliveira (2001, p. 9), afirmam que “o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo”.

Para nomear os objetos ou para criar novos nomes, os usuários da língua enriquecem-na com uma diversidade de unidades lexicais, podendo também atribuir às unidades lexicais já conhecidas novos usos e significados como forma de (re)categorizar o mundo e deixar transparecer as singularidades dos grupos sociolinguísticos.

Assim, os falantes da língua utilizam-na de forma que possam atender às suas necessidades e realidades geográficas e/ou sociais, por este motivo, um mesmo objeto pode ter duas ou mais formas denominativas.

Tarallo (2001, p. 5) afirma, através de uma metáfora, que as diversas formas (variantes) que existem na língua vivem em constante conflito e que, somente assim, se definirá qual delas continuará em uso, sobrevivendo na memória dos falantes.

Para melhor conhecer o português falado no estado do Maranhão, o Projeto Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA foi criado em 2000 e oficializado





em 2002, a fim de analisar as particularidades linguísticas do estado nos campos fonético, lexical, morfossintático.

Desde a sua criação, o ALiMA vem desenvolvendo diversas pesquisas sobre o falar maranhense no intuito de registrar realizações linguísticas específicas do estado antes que deixem de ser realizadas e, também, de valorizar as diversas esferas socioculturais do estado, como o falar dos pescadores, dos catadores de caranguejo, dos regueiros, etc.

O Projeto ALiMA é vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, que desenvolve, em âmbito nacional, investigações sobre o português falado no Brasil com o intuito de fazer um atlas linguístico que abranja todas as unidades federativas, isto é, todo o país.

Segundo Cardoso (2010, p. 72), os atlas gerais não conseguem visualizar de forma minuciosa as variações linguísticas na língua portuguesa, por este motivo, a autora enfatiza a importância que tem o atlas em pequena escala para distinguir as particularidades de cada estado:

A realização de coleta de dados nacionais e regionais não são redundantes ou duplicidade de informação, mas sim, uma forma de aprofundar os conhecimentos, possibilitando obter mais detalhes para comparar tais dados, particularizando ausências e presenças de variações linguísticas na língua.

Quanto ao campo semântico-lexical *vestuário e acessórios*, é pertinente destacar que segue sendo um campo pouco explorado no âmbito do ALiB e que ainda não havia sido explorado pelos pesquisadores do ALiMA. Dessa forma, nesta pesquisa, que tem como base teórica os estudos dialetais e geossociolinguísticos brasileiros, busca-se verificar os usos lexicais no campo *vestuário e acessórios* na fala dos maranhenses com o objetivo de comprovar a influência de fatores extralinguísticos nas escolhas léxicas desses falantes.

O campo *vestuário e acessórios* do QSL do ALiB contém seis questões, já o do QSL do ALiMA contém nove questões. Neste trabalho, faz-se um levantamento de dados a partir das respostas dadas por 48 informantes às questões 193 do ALiB e 217 do ALiMA (referente a *tiara*) e às questões 191 do ALiB e 215 do ALiMA (referente a *rouge*), nos municípios de Alto Parnaíba, Imperatriz, São





João dos Patos, São Luís, Turiaçu, Araiões, Carolina, Bacabal, Balsas, Brejo, Pinheiro e Turiaçu.

## Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa está alicerçada nos estudos teóricos da Dialetologia e da Geossociolinguística.

Após pesquisas bibliográficas, delimitou-se o *corpus* desta pesquisa considerando a rede de pontos do ALiB – municípios de Alto Parnaíba, Imperatriz, São João dos Patos, São Luís e Turiaçu –, e do ALiMA – municípios de Araiões, Carolina, Bacabal, Balsas, Brejo, Pinheiro e Turiaçu. Após a delimitação do *corpus*, analisou-se as unidades lexicais realizadas pelos informantes e a quantidade de ocorrências no estado.

## Os informantes

Os informantes/respondentes são aqueles que transmitem de forma oral e espontânea as respostas do questionário. São selecionados através de fatores como: (I) faixa etária, (II) sexo/gênero, (III) grau de escolaridade, (IV) naturalidade, (V) naturalidade dos pais, os quais também devem, preferencialmente, ser nativos, (VI) ter residido 1/3 de sua vida no município de origem e (VII) não ter como cônjuge pessoas de outras regiões. São selecionados quatro informantes - com exceção de São Luís, que são oito informantes por localidade - respeitando-se essas características.

As capitais brasileiras têm o número de informantes maior, pois, além dos informantes com nível de escolaridade básica, existem os informantes com nível superior.

Existe a preocupação metodológica com a seleção dos informantes, pois não interessa apenas a coleta de dados, mas sim, compará-los entre si, e verificar quais fatores são predominantes na língua.

Nesse sentido, Cardoso (2010, p. 19), explica a importância de se estabelecer preceitos:







A recolha de dados, *in loco*, é feita a informantes cujo perfil deve permitir não só apurar a diferenciação de usos, como também dar destaque às variáveis consideradas relevantes para o objetivo que se visa alcançar com o trabalho. Assim, idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, socioculturais, a dialetologia busca controlar e identificar.

## O questionário

O questionário semântico-lexical contém quinze áreas semânticas. Ao campo *vestuário e acessórios* correspondem seis questões do ALiB e nove do ALiMA.

Após a seleção rigorosa dos informantes, são realizadas as entrevistas presenciais, nas quais o inquiridor faz perguntas aos informantes. Depois dos questionários respondidos oralmente, as falas são retiradas do gravador e faixalizadas em CD. Em seguida, as respostas são transcritas grafemática e foneticamente, em *Word*.

Tarallo (2001, p. 21), discute o cuidado que o pesquisador deve ter para manter um ambiente agradável ao informante durante o inquérito:

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam seguindo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade.

Assim, o pesquisador deve propiciar o ambiente mais natural possível para obter as realizações genuínas da língua falada, definida por Tarallo (2001, p. 19) como a língua “veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”.

O inquérito é elaborado para propiciar um entendimento de forma clara, informal e direta por parte dos informantes, a fim de evitar duplos sentidos. Brandão (1991, p. 32) frisa a importância de manter os questionários de forma homogenia: “é necessário que se obtenha das entrevistas com os informantes um material homogêneo, suscetível de comparação”. Essa preocupação é





muito pertinente para que os dados coletados possam ser trabalhados de forma científica.

### **Fundamentação teórica**

O Brasil apresenta uma vasta extensão territorial, com os mais diversificados climas, realidades e formações socioeconômicas. Isso exerce uma individualidade de região para região, conseqüentemente, pensar em uma língua uniforme é quase impossível.

A língua leva a conhecer a realidade de um povo, a forma como se estrutura no contexto da realidade social. Dessa forma, Cardoso (2010, p. 15) evidencia as variações das regiões que muito contribuem aos estudos geossociolinguísticos em nosso país.

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

A Dialetoлогия é um ramo da ciência linguística que tem como objetivo estudar os dialetos levando em consideração o espaço geográfico. Essa área da Linguística vem ganhando, a cada dia, mais espaço na academia.

Os estudos dialetológicos só tiveram início no século XIX, na Europa, tendo maior destaque na França. Porém, segundo Cardoso (2010, p. 33), “no século XVIII, são produzidas, pois, trabalhos e tomadas iniciativas que findam por construir os caminhos da dialetologia”.

A estrada trilhada pela Dialetoлогия no Brasil se iniciou com o trabalho de Domingos Borges de Barros, mais conhecido como visconde de Pedra Branca. Este estudo foi publicado no *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi, e a partir desse momento começou a primeira fase da Dialetoлогия no Brasil. Na pesquisa de Domingos Borges de Barro são evidenciadas as diferenças lexicais entre o Português Europeu e o Português Brasileiro. Segundo Cardoso (2010, p.132), nesse primeiro momento, aparecem estudos em nível lexical.





Em 1920, Amadeu Amaral lança *O dialeto Caipira*. Com esse trabalho, o autor deu o primeiro passo para futuros trabalhos comparativos no território nacional, conforme afirma Brandão (1991, p. 43).

Os estudos de base Geossociolinguística, ou da Dialetoologia Pluridimensional, partiram da necessidade de se compreender minuciosamente os fatores extralinguísticos que exerciam influência na língua dentro de uma delimitação política e/ou geográfica. Essa metodologia recebeu contribuições da Dialetoologia e da Sociolinguística, dessa forma, pretende detectar as diversas manifestações linguísticas levando em consideração a realidade social. No princípio, fatores extralinguísticos eram excluídos das pesquisas, como discute Cardoso (2010, p. 48):

Os primeiros estudos classificados como de cunho dialetal buscam retratar diferenças espaciais. O interesse pelo conhecimento da realidade linguística inserida no espaço físico levou a que se desenvolvessem trabalhos com a finalidade de descrever áreas e de apontar a realidade linguística de um território politicamente definido.

Ao se fazer um percurso histórico pela Geossociolinguística, observa-se uma necessidade de focalizar a perspectiva social dentro de um espaço geopolítico para, assim, entender como a língua se comporta em relação ao espaço geográfico, sexo/gênero, idade e grau de escolaridade. A Geossociolinguística ao delimitar seu foco de interesse nos fatores diastráticos possibilitou observar mais particularidades dos grupos de fala.

### **Variações denominativas para o “objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos”**

Nas questões 193 do QSL do ALiB e 217 do QSL do ALiMA, os informantes apresentaram as seguintes variantes lexicais para o objeto em questão: *travessa*, *diadema*, *atraca*, *traca*, *traça*, *tala* e *tiara*, totalizando 75 unidades lexicais coletadas.

No dicionário Houaiss (2001, p. 1029; 2714,) são apresentadas duas





variantes - *diadema* e *tiara* - com acepção diferente da proposta pelo ALiB e ALiMA. De acordo com esse material, *diadema* e *tiara* referem-se a um objeto ricamente decorado usado na cabeça pelas mulheres da realeza como símbolo de poder. Isso demonstra o quanto a língua falada é dinâmica e heterogênea e o quanto varia no tempo e no espaço, ao ponto de os lexicógrafos não conseguirem acompanhar essas mudanças, pois para uma palavra ser dicionarizada acontece todo um processo longo e demorado.

Nesta pesquisa, verificou-se que houve poucas realizações da variante *diadema* na fala dos maranhenses. O fator diageracional, ou seja, a idade interferindo na escolha das lexias, não obteve muita relevância na realização dessa variante e os homens da faixa etária I (18 a 35 anos) demonstraram maior conhecimento dessa lexia.

Paim (2011, p.8), nos estudos que realizou sobre o campo *vestuário e acessórios* nos atlas que compõem o ALiB, verificou que a unidade lexical *travessa* é mais comum na fala dos mais velhos. Diferentemente do que os dados das capitais estudadas pela referida autora revelam, os dados coletados nos municípios do Maranhão revelam que os mais novos é que utilizam com maior frequência essa lexia, o que aponta além de uma variação diastrática, uma variação diatópica.

A variante *tiara* pode ser considerada como uma variante em curso no Estado, já que está presente na fala das mulheres. E quando as mulheres aceitam uma variante incorporar o seu léxico, segundo Cardoso (2010, p. 52), essa variação tem maior chance de aparecer nas comunidades de fala às quais elas pertencem, pois as mulheres são responsáveis pela educação dos filhos e utilizam mais a comunicação oral.

Já a lexia *traca* é mais observada na fala dos informantes mais novos, principalmente, na fala dos homens, evidenciando uma variação diagenérica, já que o sexo/gênero interfere no uso das variações na língua.

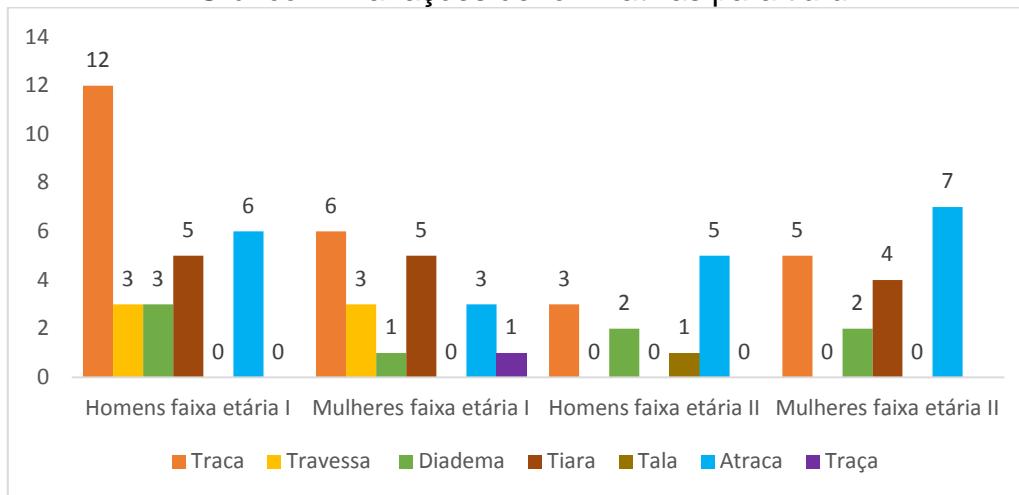
Os informantes da faixa etária II (50 a 65 anos) realizaram com maior frequência a lexia *atraca*. Uma análise mais apurada permitiu constatar 57% de uso dessa lexia pelos informantes mais velhos e 42,85%, pelos informantes mais novos. Para melhor visualização das informações destacadas, observe-se





o gráfico abaixo que sistematiza as realizações identificadas.

Gráfico 1- Variações denominativas para *tiara*



Fonte: Elaborado pela autora

### Variações denominativas para “aquilo que as mulheres passam nas bochechas, para ficarem mais rosadas”

Ao analisar as questões 191 do QSL do ALiB e 215 do QSL do ALiMA, foram encontradas nove variantes denominativas para o objeto que tem a coloração entre o vermelho e o rosa usado nas maçãs do rosto das mulheres: *ruge/ruive/ruí*; *compactu/ compax/ pó compactque*; *base*; *talco*, *pó* e *maquiagem* (lexia geral).

A variante *rouge* é uma lexia de origem francesa que foi incorporada ao português brasileiro. Essa manifestação que acontece na língua, frequentemente e de forma natural, é chamada de estrangeirismo. Esse fenômeno possibilita à língua portuguesa colocar no sistema linguístico do português unidades lexicais de outros sistemas linguísticos, nesse caso, do francês. Alguns informantes mantiveram a pronúncia do francês, já outros *aportuguesaram* a pronúncia. Essa unidade lexical foi encontrada, com grande frequência, na fala dos mais velhos, houve ocorrência da variação *rouge* na fala dos mais novos, porém em pequena escala.

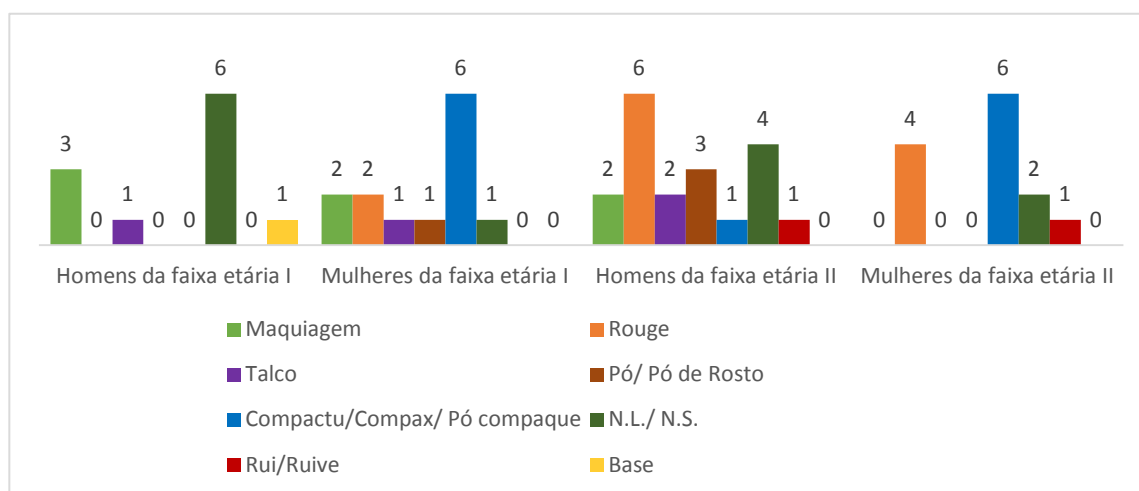
Quando o informante não sabia, ao certo, o nome específico do item que

pertencia ao campo semântico da maquiagem, optava por fazer referência à lexia *maquiagem*. Essa unidade lexical apareceu sucessivamente na fala dos homens.

Outras denominações muito frequentes foram *pó* e *talco*, por fazerem alusão ao material que compõe o item em questão e por ser algo muito usado nos cosméticos.

Alguns dos informantes destacaram não saberem ou não se lembrarem do objeto. As variantes *ruive/ruí* e *base* tiveram uma ocorrência na fala de um informante do sexo masculino, da faixa etária II (50 a 65 anos), e uma outra ocorrência na fala de um informante do sexo masculino, da faixa etária I (18 a 35 anos).

Gráfico 2- Variações denominativas para *rouge*



Fonte: Elaborado pela autora

Muitas pesquisas já mostram que a idade e o sexo determinam o uso de variantes lexicais. Para esta questão, os fatores diageracional e diagenérico, ou seja, a idade e o sexo, se mostraram relevantes para determinar os usos que os maranhenses fazem para nomear o referente em questão.

Conhecer a idade dos informantes também permite analisar e compreender as divergências e convergências na fala. Até o desconhecimento



dos homens mais jovens implica que este produto cosmético é menos utilizado pelas mulheres mais novas, gerando esse grande número de desconhecimento. Segundo Cardoso (2010, p. 51), a importância do fator diageracional sempre foi reconhecida pela cartografia, contudo, mesmo com este reconhecimento, somente no fim do século XX foram elaboradas cartas que pudessem identificar o perfil dos respondentes.

Assim como a idade, o sexo também necessita de atenção, pois interfere de maneira significativa nas realizações linguísticas. As mulheres têm grande importância na propagação de uma variação, pois elas, na maioria dos casos, têm a função de educar as gerações futuras e, de modo natural, acabam repassando as lexias que compõem o seu léxico.

Ao observar o gráfico, pode-se destacar que as unidades *compactu/compax/ pó compactque* estão sendo incorporadas à língua e aceitas pelas mulheres das duas faixas etárias.

### Considerações finais

A partir da análise realizada no presente trabalho, observa-se que os maranhenses possuem um vasto conhecimento de variantes lexicais do campo *vestuário e acessórios*. Essas variantes trazem em sua carga extralinguística informações do tipo diastrático - diageracional e/ou diagenérico - e também diatópico.

Os dados fornecem uma amostra qualitativa da realidade semântico-lexical do Maranhão, mostram como se comportam as diferentes lexias para este campo, evidenciando que não há formas mais corretas que outras, mas sim, um uso contextual e social diversificado da língua portuguesa falada no Maranhão. Para que essas realidades linguísticas não se percam antes de caírem em desuso, pesquisas como esta são de suma importância.

Esta pesquisa também evidencia que lexias estrangeiras são incorporadas ao sistema linguístico dos falantes nativos como, por exemplo, *rouge*. Algumas formas lexicais, como *traca* ou *atraca*, não foram encontradas





no dicionário Houaiss, evidenciando que esta variação regional ainda não foi incorporada a este dicionário.

## Referências

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Ed. Parábola, 2012.

BRANDÃO, Silva Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CUNHA, Cláudia de Souza. S. (org.). **Estudos geo-sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri. KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande-MS: Editora UFMS vol.2, 2004.

ISQUERDO, Aparecida Negri. e OLIVIERA, Ana Maria Pinto Pires. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande- MS: Editora UFMS, 2001.

PAIM, Marcela Moura Torres. **A variação lexical do português falado no brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios nos dados do Projeto ALiB**. Disponível em: <[www.cchla.ufrn.br/visiget](http://www.cchla.ufrn.br/visiget)> . Acesso em: 09 de Fevereiro de 2017.

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa sócio-linguística**. São Paulo: Editora Ática, ed. 7º, 2001.

